

A ESCOLA PELA PERSPECTIVA DE CRIANÇAS SURDAS

Vanessa dos Santos Marques (1); Emmanuelle Christine Chaves da Silva (1).

(Fundação Joaquim Nabuco e Universidade Federal de Pernambuco. vanessa.sm6@gmail.com
Universidade Federal de Pernambuco. ecchaves@hotmail.com)

Resumo:

Este trabalho buscou discutir sobre o processo de escolarização da criança surda, a partir de dois objetivos: entender a escola pela perspectiva da infância e surdez com crianças surdas e discutir o que elas mudariam ou ampliariam no seu contexto escolar. Investigamos então como as crianças surdas podem contribuir para assuntos sobre educação de surdos(as), bilinguismo, infância e processos de inclusão escolar, visto que são temas predominantemente discutidos em trabalhos acadêmicos pela ótica das Leis, do corpo docente e da família da criança surda. Isto é, muito se fala sobre as crianças, mas não necessariamente com elas. Assim, realizamos um estudo de dois casos com crianças surdas, com idades entre 6 e 7 anos, que compõem uma sala de aula com proposta bilíngue numa escola municipal de Recife. Desenvolvemos uma oficina de desenho com o propósito de conhecer suas opiniões sobre a escola numa linguagem lúdica e visual. A partir da análise dos dados, percebemos que as crianças participantes da pesquisa trazem uma perspectiva da escola muito mais visualizada pelas lentes da infância do que a surdez. Elas questionaram a falta de aparelhos digitais na escola e o gosto pelo brincar. Tais nuances nos faz refletir que a educação escolar de crianças surdas tende a considerá-las apenas como aluno(a) surdo(a), sem se dar conta do ser criança que se subjetiva sob a condição da surdez.

Palavras-chave: Crianças surdas, Inclusão escolar, Protagonismo infantil.

Introdução

O que têm as crianças surdas para nos dizer sobre a escola? Como suas opiniões poderiam nos ajudar a refletir sobre seus processos de escolarização? Por que e como devemos escutá-las? Motivada por essas questões, almejava desenvolver uma pesquisa que não apenas fosse para ou sobre crianças surdas, mas com elas. Desse modo, nossa lupa de investigação não tem como foco estudar os processos de escolarização de crianças surdas pelos registros das leis, dos docentes e dos seus familiares. Com efeito, a proposta deste trabalho consistiu em concentrar nosso olhar sobre a educação escolar pelas lentes das próprias crianças surdas.

Realizamos então um levantamento bibliográfico pelo portal virtual *Scielo* com as palavras-chaves “escola” e “crianças surdas”. Percebemos que em geral há certa ausência da opinião das próprias crianças surdas em estudos realizados com elas. Analisamos 40 pesquisas realizadas no Brasil no período de 2003 à 2017. De acordo com os dados coletados apenas 2,5% parte da perspectiva das próprias crianças por meio de depoimentos das crianças ouvintes e surdas, nas quais são entrevistadas várias crianças ouvintes e apenas duas surdas. Predominando, assim, a escuta com as crianças ouvintes sobre inclusão. No geral, a maior parte dos trabalhos, parte da perspectiva da família e dos(as) professores(as), assim como, das políticas públicas para educação de surdos.

Acreditamos que essa invisibilidade constatada no nosso estado da arte tem um pouco de relação com a dificuldade de compreender os processos de socialização das crianças surdas. Desenvolver um estudo com crianças surdas, zelando pelo seu protagonismo infantil, na construção dos dados de uma pesquisa, não é uma tarefa simples de realizar, pois exige uma compreensão mais aguda da infância, bem como, um melhor entendimento das particularidades da surdez. E, não menos fácil, foi tentar articular esses dois campos de estudo.

Diante desse cenário, tendo em vista alcançar esse olhar, mergulhamos em diferentes estudos sobre a infância. Iniciamos a discussão com o psicólogo de desenvolvimento da infância Henri Wallon (1968) e ampliamos a discussão para sociologia da infância, com referência central de Corsaro (2011), Annette Abramovich(2012), Sarmiento(2012), etc e a sensibilidade da obra “Quando eu voltar a ser criança” de Korczak (1981). No que diz respeito à pessoa surda, buscamos revisar a literatura dos estudos da aquisição da língua sinalizada, representações culturais dos surdos, propostas bilíngues e etc. Nossas principais referências foram Quadros (1997), Solé (2005), Nídia Sá (2011), Strobel (2009), Goldfeld (1997) e Skiliar (2010).

Diante das especificidades da infância e da surdez, buscamos desenvolver estratégias de diálogos que estivessem em sintonia com o processo de subjetivação das crianças surdas. Para isso, levamos em consideração outros referenciais teóricos; especialmente os métodos realizados com crianças por Mayalla (2000), Graue e Walsh (1956) e Maciel (2012). Esses estudos, embora realizados com crianças ouvintes, apresentam métodos significativos para atuação com trabalhos com crianças no geral. Adaptamos algumas atividades visuais, manuais, lúdicas e algumas brincadeiras para construção de nossa coleta de dados.

Nessa perspectiva, desenvolvemos uma oficina de desenho e buscamos por meio dessa oficina escutar as crianças no sentido de compreender como elas se subjetivizam nesta via dupla. Vias que longe de serem antagônicas que se constituem num solo comum de subjetivação. Isto é, a surdez, no caso das crianças surdas, compõe também o modo como elas se reconhecem como crianças e vivenciam a experiência da infância;

Além disso, desenvolvemos um trabalho literalmente com muitas mãos. O presente estudo contou com o apoio da estudante surda de Letras-Libras. Sua participação contribuiu significativamente para ampliar a comunicação com as crianças surdas. Diante da consciência que a pesquisadora responsável pela pesquisa é uma pessoa ouvinte, consideramos que uma adulta surda com experiências na área de educação e parceira de alguns projetos, poderia estar mais próxima das vivências das crianças surdas. Sentimos que as crianças se identificaram bastante com a adulta surda, pois ambos apreendem o mundo pelas suas experiências majoritariamente visuais.

No que diz respeito às particularidades do campo, a sala de aula era composta por oito estudantes surdos, porém iremos discutir os dados construídos com duas crianças. Embora todos participaram da oficina, analisamos e interpretamos apenas as falas desses dois, ambos meninos, entre seis e sete anos de idade.

Construímos esses dados com o objetivo tecer fios condutores que nos levassem a refletir sobre a perspectiva das crianças surdas acerca do seu próprio processo de inclusão escolar pelas lentes da infância e da surdez. Mais especificamente, analisar o que as crianças mudariam ou ampliariam na sua escola.

Para isso, desenvolvemos um estudo qualitativo por meio das da referida oficina e observações sem intervenções a partir de dois estudos de caso. Esperamos que nossos fundamentos teóricos, metodologias e os resultados e discussões desse estudo contribuam para lançar luz sobre a escuta do sujeito surdo a partir de sua diversidade e particularidades.

Metodologia

O desenvolvimento da oficina encontra-se articulado ao tipo de pesquisa que assumimos neste trabalho, qual seja: o estudo de caso, visto que concentramos nossa análise em duas crianças. O estudo desses dois casos auxiliou-nos para um conhecimento qualitativo das crianças, ou seja, podemos aproximarmos de cada uma de modo particular. Nessa perspectiva, estudamos a escola a partir das circunstâncias e particularidades das diferentes situações vivenciadas pelas próprias crianças.

Consideramos que o estudo de casos é um método que contribuiu para uma pesquisa com características etnográficas, pois pudemos averiguar o que elas pensam sobre a instituição a partir de impressões próprias vivenciadas pelas nuances da infância e da surdez. Nosso locus de estudo se manifesta de modo indutivo, pois, buscamos compreender a escola a partir de casos específicos. Conforme a referida citação, nosso fenômeno é estudado pela dinamicidade e particularidades das impressões das crianças articuladas às situações efêmeras do seu cotidiano escolar.

A coleta de dados foi realizada numa sala bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) composta por oito (08) estudantes surdos(as) de uma escola Municipal da Região Metropolitana de Recife. A turma era formada por 3 (três) meninas e 5 (cinco) meninos de ciclos e faixas etárias diferentes. Estavam juntos alunos do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental I. Havia três meninos entre 6 e 7 anos de idade (1º ano), três adolescentes e um adulto considerados(as) com deficiência cognitiva entre 18 e 20 anos (2º ano) e um aluno de 9 anos de idade (3º ano). No geral, os(as) estudantes participaram da oficina realizada para a coleta de dados, todavia, analisamos apenas os dados construídos com duas crianças do Ensino Fundamental I, pois a terceira criança faltou a oficina.

👉 e 👈 são duas letras do alfabeto manual em libras. Em português seriam L e R. Cada uma corresponde a letra inicial de cada uma das duas crianças que foram selecionadas como participantes da pesquisa. A escolha de chamá-los pelas iniciais dos seus nomes em Libras é para zelar pelo sigilo dos participantes.

Visão geral da oficina

Consideramos que a atividade visual de desenho produzida pelas próprias crianças podem contribuir para conduzir o ritmo e a direção do assunto, explorar os tópicos discutidos

com pouca interferência das pesquisadoras, bem como priorizar o protagonismo ativo e interativo da criança.

Assim, essa estratégia foi utilizada como um meio de fazer as crianças se expressarem, visto que muitos estudos apontam, incluindo o estudo Graue e Walsh (1956, p.139) que “a entrevista típica, sentada, é difícil de realizar com crianças (...) Podem não achar nada interessante a atividade de estarem sentadas a responder às perguntas dos adultos”.


Em consonância com essa passagem, os desenhos foram a nossa maneira de motivá-las a participarem. Ademais, foi uma forma de aguçar sua percepção visual sobre elas mesmas e a escola. Essas atividades igualmente foram registradas em vídeo (a partir da assinatura do TCLE pelos responsáveis das crianças participantes da pesquisa) e também através de anotações e fotos.

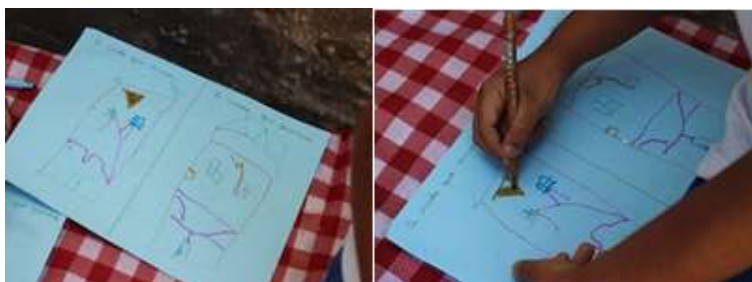
Buscamos traçar caminhos metodológicos que apresentassem uma participação ativa da criança surda na construção sobre como a mesma compreende a escola, a partir de vivências que elas pudessem expressar seus sentimentos, ideias e conflitos.

Resultados e discussões da investigação

A oficina de desenho foi realizada numa área da escola cheia de árvores e o chão de areia. Na oficina, estavam presentes seis alunos, duas meninas e quatro meninos.



Explicamos para as crianças que elas deveriam desenhar “A escola que elas têm e a escola que elas querem” em uma folha de papel dividida com uma linha ao meio. De um lado, elas poderiam desenhar lugares, atividades, pessoas e coisas da sua escola. Do outro, elementos que elas gostariam de incluir ou mudar na escola.


Segue o desenho e a conversa sobre o desenho que tivemos com 




Fonte: elaboração própria /Desenho de 




 conversou bastante com as pesquisadoras. Ele desenha dos dois lados da folha de papel.  inicia a conversa mostrando seu desenho do lado direito. Segue um trecho da conversa:

 diz sorrindo: *BANHEIRO, COCÔ.* (faz uma expressão facial reforçando o sinal cocô)

Pesquisadora: pergunta: *BANHEIRO SUJO?*

 ri e aponta para o cocô do seu desenho. (Ele emite vários sons, fica eufórico) P: *TEM COCÔ NO BANHEIRO?*

 ri alto e diz: *COCÔ.* (faz cara de espanto e não responde)

P: *O QUE VOCÊ DESENHOU?*

 Responde outra coisa: *CORRER, CARRO, COMPUTADOR.*

P: *VOCÊ CORRE NA ESCOLA? TEM COMPUTADOR NA ESCOLA?*

 : *COMPUTADOR QUEBROU.*


P: *O COMPUTADOR DA ESCOLA?*

 : *NÃO. CASA. ESCOLA TEM NÃO.*

P: *POR QUE VOCÊ QUER COMPUTADOR NA ESCOLA?*

 *JOGAR!*

P: *MAIS O QUÊ?*

 *APRENDER* (Ele ri e puxa a perna do amigo ao lado).



👉 desenha a mesma imagem no dois lados da folha. Ele fica com a mão cobrindo o desenho quando percebe que estamos fotografando. Ele desenha vários quadradinhos. 👉.Ele praticamente não se comunica com a pesquisadora, conhece poucos sinais em Libras. Tentamos fazer gestos, desenhos ou mímicas, mas não obtemos sucesso para a construção do diálogo. Ele apenas nos olha, faz-de-conta que está sinalizando em Libras e volta a brincar com os amigos.


Encerramos a atividade com um piquenique. As crianças comeram, correram e ficaram rindo entre si. No final da atividade, elas abraçaram as pesquisadoras.

Durante o piquenique, 👉 ficou sempre atento às conversas dos colegas e tentou se comunicar com alguns amigos utilizando gestos caseiros para representar algumas brincadeiras. Ele brinca um pouco com os seus pares, mas se dispersa com facilidade e sai da conversa com os amigos.

A partir das construções do cenário da oficina de desenho, consideramos que 👉 e 👉 apresentam perspectivas diferentes sobre a escola, visto que suas experiências da infância e da surdez são marcadas por processos próprios de subjetivação.

👉, filho de pais surdos e fluente em Libras, socializa-se e compartilha suas ideias sobre a escola de modo mais fluído. A aquisição da língua de sinais permite que ele se aproprie de elementos linguísticos para manifestar elementos imaginários e do cotidiano sobre as suas vivências na escola. Destacaremos a seguir dos pontos da conversa que tivemos com 👉, pois os consideramos significativos para a construção dos resultados da pesquisa.


👉 desenha e conversa sobre cocô. Sabemos que o simbolismo do cocô, sobretudo, a partir de uma psicologia do desenvolvimento da infância com referência freudiana, dá margem para diferentes interpretações. Contudo, iremos analisar apenas o que consideramos relevante para compreensão da escola pelo olhar da criança.




Nesse caso, interpretamos que a criança ao desenhar um cocô na parte da folha “a escola que temos” e iniciar a conversa sobre esse ponto específico “*BANHEIRO, COCÔ*” (faz uma expressão facial reforçando o sinal cocô), além de ser uma temática atrativa e divertida para muitas crianças, pode representar um pouco das circunstâncias do banheiro da escola. Como os banheiros não são adaptados para o tamanho de , ele pode precisar da ajuda quando precisa utilizá-lo. Desse modo, para ele, fazer cocô na escola pode ser uma situação que mobilize as pessoas e o marque de algum modo particular.


Outro ponto que chamou nossa atenção durante a conversa é quando ele sinaliza várias vezes sobre o computador. Destacamos a frase “*JOGAR/BRINCAR E APRENDER*”. Consideramos que numa linguagem da infância, introduz uma temática sobre escola e tecnologia digital.




Esse fato nos faz pensar sobre o quanto as vivências da infância são construídas com o uso da internet em computadores, smart phones, entre outros . Nessa perspectiva, notamos que a escola precisa saber lidar com essa realidade e aprender a fazer um uso adequado desses equipamentos digitais.


Esse resultado retoma a construção teórica de “geração” a partir de Sarmiento (2005). O autor mostra como é significativo estudar a infância pelas matizes culturais do seu contexto geracional. Assim, suas preocupações e demandas são produzidas dentro das circunstâncias que elas vivenciam. Nesse caso, os aparelhos digitais constroem e simbolizam novas formas das crianças viverem suas infâncias. Além disso, alguns estudos, como Quadros e Karnopp (2004) e Falcão (2012), consideram que os recursos digitais podem contribuir para a utilização de imagens que auxiliem na construção dos diálogos e conhecimentos produzidos na escola.



Em suma, destacamos esse ponto da oficina de desenho com  . No geral, ele gosta muito de brincar, movimentar-se e rir com os amigos. Foi bastante participativo e mostrou-se animado com as atividades mediadas na oficina.

Ao passo que, nas produções e contatos com , observamos que o mesmo desenhou vários quadradinhos enfileirados. Além disso, ele fez o mesmo desenho dos dois lados da folha. Não conseguimos conversar com ele sobre o seu desenho. Utilizamos alguns gestos e mímicas, mas não conseguimos manter o diálogo. É o primeiro ano de  na escola e seu primeiro contato com Libras. Seus pais são ouvintes, sua irmã surda é oralizada.  não é oralizado e sabe poucos sinais em Libras. Ele mostrou-se tímido com as pesquisadoras, porém parece ficar mais à vontade quando está entre seus colegas de sala. Ele sempre está brincando com os amigos, faz gestos caseiros para eles e entra nas brincadeiras.

Interpretamos por meio do seu desenho que ele fez a escola que ele tem e que os quadradinhos representam a organização espacial das cadeiras. Consideramos que as vivências da surdez e da infância de  marcadas pela privação da aquisição da língua durante tantos anos, priva-o também de manifestar uma linguagem abstrata e imaginativa sobre a escola.

Essas diferenças de compreensão sobre a escola entre  e  é um modo prático de entendermos melhor os estudos de Vygotsky (1981) sobre como a aquisição da fala (neste caso, a fala sinalizada) modifica e amplia nosso modo de subjetivar e se socializar com as pessoas e ambientes ao nosso redor. Segundo o autor “às vezes, a fala expressa os desejos da criança; outras vezes, ela adquire o papel de substituto para o ato real de atingir o objetivo”. Nesses termos, a fala não só expressa o que sentimos, assim como, permite que possamos sentir certas percepções. No caso de , nessa perspectiva, ele consegue colocar elementos imaginativos nas suas ações, mas tais elementos são limitados para ampliar suas vontades e desejos pela ausência da fala.

Os dados construídos nesta oficina contemplam nossos objetivos no sentido de entender que a escola pela perspectiva da criança é repleta de brincadeiras, faz-de-conta e movimentos, conforme as duas crianças, de modos diferentes, se apresentam na construção dos desenhos e diálogos. Notamos que enquanto as crianças estão pensando na escola pela infância, cabe aos adultos trazer as nuances da surdez. Por exemplo,  menciona que gostaria de um computador na escola para ele jogar. Desse modo, podemos perceber que mesmo sem ele comentar, o computador pode ter outras funções que contribuam para seu aprendizado enquanto aluno surdo.

Além disso, o desenho de  traz a discussão sobre o que ele pensa sobre a escola. Ao desenhar a estrutura física com quadradinhos enfileirados, o aluno demonstra olhar para a escola de um modo bastante concreto. Neste caso, pensando na escola que eles querem, retomamos a discussão sobre as cadeiras organizadas em círculos para facilitar a comunicação entre eles. Neste caso, poderia facilitar o processo de aquisição da Libras de , pois ele visualizaria melhor os diálogos com a professora e os seus pares.

Em suma, as crianças parecem perceber a escola muito mais pelas lentes da infância, elas querem espaço para se expressarem corporalmente, inventar brincadeiras e usar aparelhos tecnológicos, no caso o computador, o qual faz parte do seu cotidiano. As problematizações sobre seus processos como sujeitos surdos são percepções que cabem mais aos adultos ampliarem para as crianças, pois, elas querem viver suas infâncias.

Buscamos analisar os dados construídos com as crianças a partir das discussões da sociologia da infância pela ótica de Corsaro (2011) que nos mostra que as vivências das crianças devem fazer sentido desde seu nascimento e elas não devem ser olhadas apenas como seres que farão parte da sociedade no futuro. A infância, como citou o autor “é parte integrante da sociedade” (CORSARO, 2011, p. 16). Nessa perspectiva, as demandas das crianças não devem ser vistas apenas para a construção delas como sujeitos surdos ou o processo de ensino-aprendizagem como alunos(as), mas também como crianças que mostram como é importante uma escola que tenha espaço para elas brincarem, expressarem-se corporalmente e disponha de atividades dos seus respectivos interesses.

Considerações Finais

Cabe mencionar que este artigo foi um pequeno recorte de um estudo mais amplo que é a dissertação de mestrado da primeira autora. Consideramos que mesmo existindo pesquisas relevantes realizadas com crianças surdas, o nosso estudo traz um fio condutor diferenciado, por tentar entrelaçar com mais profundidade particularidades da infância e da surdez numa única teia de estudo. Além disso, notamos que muitos dos estudos da área discutem sobre as crianças, mas não com elas.

Desse modo, o processo de escolarização de uma criança surda vai além das nuances da educação de surdo(a) e bilinguismo. Sabemos que essas questões são primordiais, mas elas precisam fazer um intercâmbio com diferentes teorias da infância, a fim de que a escola possa proporcionar um ambiente adequado para seus processos de desenvolvimento e aprendizados nesta fase única e rica da vida que é a infância.

Consideramos que trazer um pouco dos estudos sobre a infância a partir de Korczak (1981) e Corsaro (2011) – sociólogo da infância – para a pesquisa com crianças surdas trouxe uma perspectiva diferenciada para os estudos de educação de surdos(as), visto que não encontramos pesquisas com crianças surdas que sustentem uma compreensão da infância como categoria estrutural (termo emprestado por Corsaro, 2011). Dessa forma, tentamos lançar luz para investigar a escola a partir dos sentidos atribuídos por elas às suas vivências no momento presente. Mais especificamente, como elas pensam e se sentem na escola tendo como ponto de partida das suas experiências atuais numa perspectiva que a escola não seja vista como uma instituição que apenas contribuirá para sua formação no futuro. Refletimos a escola com as crianças surdas, diferente dos outros estudos, em que ela faça sentido na vida que ela tem, levando em consideração seu jeito lúdico, cheio de brincadeiras, marcado pelo faz-de-conta, perguntas inacabadas e preocupações próprias.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICH, Anete; OLIVEIRA, Fabiana. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 39-52, jan./abr. 2010.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil**. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990.
- CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de Surdos**. Tese (Doutorado em Educação). 2009. 245f. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009a.
- CORSARO, William. **Sociologia da infância**. São Paulo: Artmed.2011.
- DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. Os Nomes dos Outros. Reflexões sobre os Usos Escolares da Diversidade. **Educação & Realidade**. Rio Grande do Sul, v. 25, n. 2, p. 168-177, 2000.
- FALCÃO. Luiz Albérico Barbosa. **Surdez, cognição visual e Libras: estabelecendo novos diálogos**. Recife, 2014
- GOLDFELD, Márcia. **A criança surda**. Linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexas, 1997.
- GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1956.
- KARNOPP, Lodenir Becker. Aquisição da linguagem de sinais: uma entrevista com Lodenir Karnopp. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem-REVEL**. v.3, n.5, ago. 2005.
- KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. São Paulo: Summus.1981.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, 2006.
- MACIEL, Silvia Fernanda de Medeiros. **Retratos dos dias: a produção de sentidos na vida cotidiana de crianças**. 2012. 214 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

MAYALL, Berry. Conversations with Children: working with general issues. In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison (Orgs). **Research with children: perspectives and practices**. London/New York: Routledge/Falmer, 2001. p. 120-135.

PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Revista de Antropologia**, v. 50, n.1, p. 225-270, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1968.